

Subárea: 8.01.01 – Linguística \ Teoria e Análise Linguística

O FEMINICÍDIO E A MÍDIA: PROCESSO DISCURSIVO DE LEITURA

Jennifer S. Alvares¹, Caciane S. de Medeiros²

1. Estudante de IC da graduação em Letras, Centro de Artes e Letras da UFSM
2. Doutora em Linguística, CALUFSM, Departamento de Letras Clássicas e Linguística - Orientadora

Resumo:

Duas coisas são corriqueiras no cotidiano brasileiro: a presença da mídia e o feminicídio. A violência contra a mulher tornou-se um fato dado em uma sociedade patriarcal, perpassada pela ideologia machista e, muitas das vezes, conivente com agressões de cunho sexista. Os lugares estabelecidos como imparciais são campo fértil para a perpetuação da formação imaginária sobre mulher e violência. Sendo assim, a notícia não é vista por uma parcela da população como lugar de questionamentos, problematização. Mas sim de fatos, de relatos sobre um ocorrido sem quaisquer intervenções ideológicas de quem redige o dito.

Procurando fazer uma leitura, através do aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso pêcheuxtiana, de notícias veiculadas nas mídias digitais nacionais, esse trabalho apresenta reflexões sobre três manchetes de um mesmo assassinato ocorrido no início de 2017. A questão-mote refere-se à questão de como esse crime foi significado/discursivizado para o público leitor, contribuindo para a formulação de um discurso sobre o feminicídio, das formações imaginárias sobre posição-sujeito vítima, a mulher e o assassino.

Palavras-chave: Discurso; Notícia; Mulher.

Apoio financeiro: Programa de Educação Tutorial\FNDE

Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição: UFSM

Introdução:

O assassinato por condição de gênero é uma prática que se tornou ao longo das décadas rotineiro em nossa sociedade, sendo muitas das vezes retratado como uma morte trivial, sem quaisquer especificidades em torno da relação existente entre vítima e agressor. O que nos interessa em específico nesta pesquisa de iniciação científica são as vidas de mulheres que foram ceifadas por aqueles que com elas tinham tido alguma conexão conjugal ou sexual, já que, nos últimos anos, os debates em torno das relações agressivas afloraram e tornaram-se ponto-chave para desnaturalizar o *continuum* de agressões cessado apenas em morte. Agressão, em nosso ponto de vista, não é apenas aquela que deixa marcas visíveis, “trata-se da violência como ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral” (SAFFIOTI, 2004, p.17), ou seja, uma grande parcela da população feminina é vítima de diversos tipos de violência, e muitas delas perdem a vida apenas por serem quem são: mulheres.

As notícias, sejam elas na sua clássica versão impressa em jornal ou nas mídias digitais contemporâneas, são parte da realidade cotidiana do brasileiro. Em um país com altos índices de violência, um tipo de notícia se destaca e ocorre em maior número nos meios de comunicação em massa: aquelas que versam sobre assassinatos. Mais ainda, o que chamou a atenção foi a maneira como as mortes de mulheres assassinadas por parceiros ou ex eram veiculadas, significadas em uma sociedade com pilares na ordem patriarcal, a qual inferioriza a mulher em relação ao homem, contribuindo para uma violência sexista, onde o sexo das vítimas é determinante para justificar o que sofrem ou deveriam sofrer (BRASIL, 2016, cap.1).

Procurando ler sob uma perspectiva discursiva, este trabalho colocou como questão-mote compreender o modo como os feminicídios são apresentados/significados nas manchetes de jornais brasileiros digitais, para ver o que está dito e o que não está dito e significam durante o processo de construção da leitura. Para cooperar com este objetivo faremos uso da teoria de Análise de Discurso pêcheuxtiana, passando a entender as mortes de mulheres por condição de serem mulheres como um discurso que está presente em nossa formação social e possui diversos sentidos conforme os sujeitos que o deslocam nas muitas formações discursivas.

Metodologia:

A Análise de Discurso surgiu em meados da década de 60 com uma abordagem crítica para a leitura. O processo do leitor-analista não é visto como mera decodificação, e sim, como um caminho a ser percorrido para que se chegue à compreensão do funcionamento discursivo. Discurso é “efeito de sentidos entre locutores” (PÊCHEUX, 1997, p.87), assim sendo, todo dizer pode significar não uma coisa apenas, mas diversas a partir das condições ideológicas em que está inserido, por isso é que é efeito de sentidos, porque os sentidos sempre podem ser outros, mesmos ou diferentes, conforme os sujeitos que os empregam. “A leitura,

portanto, não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: *de historicidade*" (ORLANDI, 2006, p.9) [grifo nosso].

Nosso material de análise nesta pesquisa é a notícia (LAGE, 2006, p.73), por vermos nela um campo fértil de exploração dos discursos que funcionam ideologicamente em nossa sociedade. O leitor, atravessado pela ideia comum de que o que se noticia é um fato da realidade, muitas vezes crê no que lê como verdadeiro, não sendo possível outro modo de dizer o dito. Daí o lugar de autoridade que os meios de comunicação ocupam nas comunidades brasileiras, pois "a busca da transparência discursiva ou ideológica, mas apoiada nas opacidades do seu próprio mito, é a ambivalência constitutiva do jornalismo (SODRÉ, 2009, p.13). Decorre, então, a aceitação de realidade, e isso se dá porque uma grande parcela da população percebe a posição-sujeito jornalista como imparcial, sua língua(gem) é entendida como neutra, sem ser perpassada pelo ideológico. A ideologia é aquilo determina todo dizer em uma dada formação social, sendo assim, sabemos que nenhum indivíduo, teoricamente interpelado em sujeito pela ideologia (PÊCHEUX, 1997), é livre da afetação ideológica, seu dizer sempre será determinado pelo lugar que ocupa na sociedade.

Nosso referencial bibliográfico e teórico está apoiado em duas grandes seções, uma de suporte teórico-analítico com as obras de Eni Orlandi (1987; 2004; 2009), Michel Pêcheux (1997), Helena N. Brandão (2012), Nilson Lage (2006) e Muniz Sodré (2009); bem como aquele que trata de gênero e violência em Saffioti (1979; 2004); Pasinato (2011), Waiselfisz (2015), Prado & Sanematsu (2017) e documentos governamentais de apoio à visibilização e proteção das mulheres (2013; 2015; 2016). Com estas leituras o trabalho de análise se torna sólido, possibilitando o olhar crítico de um analista de discurso frente às questões relacionadas à violência por condição de gênero e as mortes anunciadas nos noticiários nacionais.

Como materialidade, corpus de análise, selecionamos notícias sobre o assassinato de mulheres no início do ano de 2017, publicadas em meios de comunicação digitais. Elas foram escolhidas a partir de uma pesquisa no site G1, onde a palavra feminicídio foi digitada na caixa de diálogo e os dez primeiros resultados foram definidos como recorte do grande corpus. A partir da primeira etapa, buscamos outros veículos que houvessem noticiado o mesmo assassinato, para constituir um recorte analítico com três textos de cada crime. Um destes crimes selecionados foi utilizado para análise neste trabalho.

RECORTE¹:

Ajudante de reciclagem mata mulher e sobrinha a facadas em São Caetano;

Homem mata ex-mulher e sobrinha a facadas;

Homem é procurado por suspeita de esfaquear e matar ex-mulher e sobrinha no ABC

A partir de então, nossa análise se deu relacionando as manchetes e procurando ler discursivamente como essas mortes eram discursivizadas para o público-leitor, de que maneira os sentidos sobre mulher e vítima eram apresentados e como a posição-sujeito assassino foi significada.

Resultados e Discussão:

Um assassinato, três manchetes, veículos de notícia diferentes. As agressões sofridas por mulheres obedecem a certas especificidades que criam uma atmosfera particular, onde é evidenciada a razão de gênero na motivação do crime. Segundo dados do Mapa da Violência 2015 (Waiselfisz, 2015, cap. 7) é preponderantemente maior a morte de mulher no ambiente doméstico (27,1%) e através de objetos penetrantes\cortantes, contundentes, sufocação e outros (51,2%); bem diferente do cenário masculino onde a arma de fogo ocupa maior parcela (73,2%). Além disso, o maior número de casos acontece entre os 18 e 30 anos de idade, período de relação das vítimas com seus algozes. O feminicídio com as manchetes expostas acima contribui para que confirmemos as estatísticas da pesquisa: são mulheres, foram mortas por objeto cortante (faca) e uma delas tinha (teve) relação marital com aquele que lhe tirou a vida.

Na primeira leitura do recorte podemos perceber que duas mulheres foram mortas e uma destas era cônjuge ou ex-cônjuge de seu assassino. A partir de então a hipótese de feminicídio íntimo – aquele em que a vítima tinha relação sentimental ou sexual com o agressor – pode ser acionada, além de outro aspecto (BRASIL, 2016, p.23) de feminicídio, o por conexão – quando uma mulher está em "linha de fogo" com o assassino de outra mulher. O que nos chama a atenção é a especificação da ocupação do homem em uma das manchetes, sendo que nas outras duas apenas o termo genérico é utilizado. Que sentidos podem ser acionados quando a jornalista apresenta a profissão? O não-dito (ORLANDI, 1987) é significativo, pois contribui para a construção de sentidos no discurso sobre as mortes, colocando o status social ocupado pela família como marcante na ação do sujeito. A construção textual reproduz o jogo das formações históricas de que crimes violentos ocorrem nas camadas mais baixas da população, afetando os menos providos de dinheiro, onde o homem tem pouca instrução e por isso seria (?) capaz de atrocidades contra os que fazem parte de seu convívio.

Outro fator é a diferença entre a posição-sujeito (PÊCHEUX, 1997) mulher e ex-mulher do homem, pois cada uma das construções deriva para significações diversas. Se a mulher era esposa, como exposto na manchete 1, o contexto ideológico-social leva quem lê a crer que a morte possa ter ocorrido por algum

1 Notícias disponíveis em: g1.globo.com/sao-paulo/marido-e-procurado-por-suspeita-de-esfaquear-e-matar-ex-mulher-e-sobrinha-no-abc.ghtml
vejasp.abril.com.br/cidades/homem-mata-ex-mulher-e-sobrinha-a-facadas/
www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/02/1862482-ajudante-de-reciclagem-mata-mulher-e-sobrinha-a-facadas-em-sao-caetano.shtml

problema no casamento, o que faz, comumente, o sujeito-leitor construir hipóteses que justifiquem a ação do homicida, porquanto a mente da sociedade perpetrada pelo discurso machista procurará motivos comportamentais que culpabilizem a vítima ou classifiquem “como um ato isolado, um momento de descontrole ou intensa emoção” (PRADO & SANEMATSU, 2017, p.15). Se a relação havia sido rompida, o caminho de significações se esvai por outra via, onde a passionalidade é utilizada como argumento, sendo a posição-sujeito vítima invertida e o homem passando a figurar no papel daquele que sofre e não aceita o término, uma vez que a imagem feminina é relativizada como objeto de pertencimento a um sujeito masculino. A formação imaginária (ORLANDI, 2009) das posições que ocupam o homem e a mulher na sociedade patriarcal definem o que é o comportamento correto de uma e de outro dentro do sócio-histórico-ideológico em que vivemos, por isso é que “qualquer que seja a razão do rompimento da relação, quando a iniciativa é da mulher, isto constitui uma afronta para ele” (SAFFIOTI, 2004, p.62), pois as relações são definidas hierarquicamente e um tem poder sobre o outro, há o jogo entre dominador e dominado.

Mais um sentido pode ser acionado através da leitura sob uma perspectiva discursiva das manchetes acima expostas, o de ser o homem culpado ou não. Entendemos que a posição-sujeito jornalista é perpassada pelas formações ideológicas da construção social que integra, por isso é que há a escolha do dizer, nunca é por acaso que as palavras são selecionadas para a construção da manchete, “o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua” (ORLANDI, 2009, p.32). Dessa forma, afirmar a autoria do (ex)parceiro através do verbo ‘mata’ e sugerir que ele apenas é suspeito favorecem para a formulação da leitura de seu público. Como expusemos acima, se o feminicida agiu, uma grande parcela da população procurará justificar as causas que o levaram ao delito, mesmo que ele tenha sido o culpado e o assassino. Se há o uso da modalização da culpa através do termo ‘suspeita’ a imagem do criminoso se esvai quase que completamente, uma vez que suspeito é aquele que aos olhos da lei é inocente até que se prove o contrário. À vista disso, o uso de um substantivo no lugar de um verbo age na significação e no processo de circulação de sentidos entre os locutores e demonstra a posição do(da) jornalista, do discurso que empunha, da formação ideológica patriarcal e sexista em que está inserido(a).

As condições de produção do discurso são sempre definidoras das relações entre os sujeitos. Através dessas condições, práticas sexistas tornam-se habituais no cotidiano de mulheres, e o lugar de destaque da notícia sobre as mortes acaba tornando-se lugar-comum, onde quem ocupa a posição-sujeito leitor não questiona, por vezes, o uso de alguns termos em detrimento de outros. Em todas as três manchetes acima não vemos o uso do termo que designa a morte de mulheres em razão de gênero, mesmo que com a leitura de palavras como “homem”, “ex”, “mulher”, “mata(r)”, “facadas”, “sobrinha”, seja possível construir leituras que demonstrem um contexto violento ou de desprezo à condição feminina. Contudo, não dizer feminicídio acaba por deixar à margem os sentidos que podem ser construídos e visibilizados através da prática de matar mulheres em uma formação social com condições que produzem um discurso de inferiorização e assujeitamento através da objetificação feminina.

Apresentar a morte da sobrinha no título da matéria contribui para a formação discursiva do feminicídio, mesmo que a palavra não esteja exposta. Isso porque, ao registrar que a morte não foi apenas daquela com quem o assassino se relacionava, o leitor pode construir sentidos que designam a morte como aquela com particularidades e uma esfera ideológica patriarcal. Não foi por acidente que ela perdeu a vida, foi pelo contexto de violência em que estava inserida, onde sua imagem como mulher não tinha valor e não merecia a vida. Todavia, na leitura banal, esse dado pode passar sem ser percebido pelo leitor que não esteja em uma relação com a formação discursiva feminista, onde toda e qualquer agressão é devidamente questionada em suas condições de produção, “Daí resulta que a interpretação é necessariamente regulada em suas possibilidades, em suas condições. Ela não é mero gesto de decodificação, de apreensão de sentido” (ORLANDI, 2009, p.47).

Por isso ser a leitura um jogo entre os interlocutores, um discurso sempre infundado, com possibilidade de mudanças e de continuidade, de ruptura e de manutenção. O jornalismo, as notícias sobre assassinato contribuem na manutenção\circulação dos sentidos atribuídos às mortes de mulheres, bem como podem e, como vemos recentemente, devem contribuir para o questionamento, a desnaturalização de práticas machistas em uma ordem patriarcal da sociedade brasileira. Então, não é apenas como texto que a notícia funcionada na realidade cotidiana, vai além, sendo também o discurso, a historicidade através da leitura e da escrita.

Conclusões:

O processo de leitura apresentado brevemente neste trabalho procurou contribuir para que se perceba o fazer jornalístico como lugar de movimento, onde as condições de produção dos discursos estão em constante embate, e o jogo instaurado entre posição-sujeito autor e posição-sujeito leitor é aquele necessário para a construção dos sentidos, já que acreditamos que “compreender como um texto funciona, como ele produz sentidos, é compreendê-lo enquanto objeto linguístico-histórico, é explicitar como ele realiza a discursividade que o constitui” (ORLANDI, 2009, p.70).

As mortes de mulheres, anunciadas às dezenas nos noticiários nacionais, precisam ser questionadas, dado a formação ideológica em que o país foi constituído, onde uma ordem hierárquica é estabelecida de acordo com o sexo\gênero que o sujeito desempenha na sociedade. As manchetes são o lugar de autoridade onde pouco é problematizado, por ocupar um *status* de verossímil, em que as palavras desempenham o papel único de informar, sem qualquer ação no ideológico sexista nacional. Muito é perpetrada, ainda, a imagem da mulher como aquela que possui parcela de culpa pela morte anunciada (lembramos, a morte é, na maioria das vezes, o desfecho de uma violência antes sofrida), e “a maioria das notícias trata de casos individuais de

homicídio de mulheres, dando destaque para as violências mais extremas, com abordagem descontextualizada e parcial do assunto, muitas vezes apresentado como uma manifestação de 'loucura' ou 'doença' ou ainda um descontrole pontual causado por excesso de bebidas ou drogas" (PRADO & SANEMATSU, 2017, p.147).

O que procuramos é tirar o noticiário do lugar já-lá, cristalizado como real e imparcial, sendo quem escreve responsável apenas pelo relato do ocorrido e não interferindo na construção da leitura significativa. Onde mais ideologicamente naturalizado esteja o processo de leitura é onde queremos desestabilizar, provocar reflexões, procurar lugares sociais evidenciando que o dizer também contribui na manutenção e circulação dos sentidos que tornam as mortes anunciadas como triviais.

Referências bibliográficas

BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à análise do discurso**. 3.ed.rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2012.

BRASIL. SECRETÁRIA DE REFORMA DO JUDICIÁRIO. Marta Rodrigues de Assis Machado (coord.). **A violência doméstica fatal: o problema do feminicídio íntimo no Brasil**. Faculdade Getúlio Vargas, 2015. Disponível em: http://www.compromissoeatitude.org.br/wpcontent/uploads/2015/04/Cejus_FGV_femicidiointimo2015.pdf . Acesso em: 15\01\2018.

BRASIL. SENADO FEDERAL. **Comissão Parlamentar Mista de Inquérito sobre Violência Contra as Mulheres**. Brasília, 2013. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/relatorio-final-da-comissao-parlamentar-mista-de-inquerito-sobre-a-violencia-contra-as-mulheres>. Acesso em: 15\01\2018.

BRASIL. SECRETÁRIA DE POLÍTICAS PARA MULHERES. **Diretrizes nacionais feminicídio: investigar, processar e julgar com perspectiva de gênero as mortes violentas de mulheres**. Brasília, 2016. Disponível em: <http://www.spm.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/2016/livro-diretrizes-nacionais-femicidios-versao-web.pdf>. Acesso em: 13\01\2018.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 6.ed. São Paulo: Ática, 2006.

ORLANDI, Eni. **Discurso e Leitura**. 7.ed. São Paulo: Cortex, 2006.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 8.ed. Campinas, SP: Pontes, 2009. SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2.ed. Campinas, SP: Pontes, 1987.

PASINATO, Wania. **"Femicídios" e as mortes de mulheres no Brasil**. Cadernos Pagu. n.37, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645012>. Acesso em: 10\01\2018.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução: Eni Orlandi [et. Al.] 3.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PRADO, Débora; SANEMATSU, Marisa (org). **Femicídio: #InvisibilidadeMata**. São Paulo: Instituto Patrícia Galvão, 2017. [Editor] Fundação Rosa Luxemburgo. Disponível em: http://agenciapatriciagalvao.org.br/wpcontent/uploads/2017/03/LivroFemicidio_InvisibilidadeMata.pdf. Acesso em: 20\01\2018.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

WASELFISZ, Júlio J. **Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil**. Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: All Type Assessoria Editorial Ltda, 2015. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf. Acesso em: 23\01\2018.